

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal - Direitos Sem Responsabilidades: O País Que Diz Não ao Futuro

Publicado em 2026-06-11 13:21:01



BOX DE FACTOS

- Lindoso integra o território do Parque Nacional da Peneda-Gerês, uma das zonas naturais e culturais mais sensíveis de Portugal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A União Europeia considera o lítio e outras matérias-primas críticas essenciais para a transição energética, digital, defesa, aeroespacial e autonomia industrial.
- A exploração mineira pode gerar emprego, investimento e valor estratégico, mas também impactos ambientais, paisagísticos, agrícolas e sociais que não podem ser ignorados.
- O verdadeiro debate não deve ser “sim” ou “não” ao lítio, mas sim que modelo de desenvolvimento, fiscalização, compensação local e cadeia de valor Portugal quer construir.

Direitos Sem Responsabilidades: O País Que Diz Não ao Futuro

Portugal habituou-se a falar de direitos com solenidade quase litúrgica, mas fala muito menos de responsabilidades, risco, trabalho, adaptação, aprendizagem e criação de valor. Depois admira-se com a pobreza, como se a economia fosse uma

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há um traço profundo da cultura portuguesa contemporânea que raramente se discute com coragem: todos falam de direitos, quase ninguém fala de responsabilidades. Todos querem melhores salários, melhor saúde, melhores escolas, melhores estradas, melhores pensões, melhores transportes, melhor Estado social, melhor qualidade de vida. Mas quando se pergunta quem deve produzir a riqueza que financia tudo isso, instala-se aquele silêncio nacional, muito parecido com uma repartição pública depois das quatro da tarde.

O país vive há décadas nesta contradição: exige padrões de vida europeus, mas aceita uma economia de baixa produtividade; reclama serviços públicos robustos, mas tolera uma base produtiva frágil; queixa-se dos salários baixos, mas desconfia da empresa, da indústria, do risco, do investimento e da inovação; quer interior vivo, mas rejeita, muitas vezes sem verdadeira discussão técnica, actividades económicas que possam alterar a imobilidade local.

A reportagem sobre a contestação à exploração de lítio na zona de Lindoso, no contexto mais vasto da Peneda-Gerês e dos conflitos nacionais em torno do lítio, serve como metáfora poderosa desta doença portuguesa. Lindoso é um território de enorme valor natural e cultural. Isso deve ser respeitado. Mas respeitar a natureza não pode significar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O ambiente não é desculpa para a imobilidade

É evidente que uma exploração mineira não é uma actividade inofensiva. Uma mina pode afectar a paisagem, a água, os solos, a biodiversidade, o turismo, a agricultura e a vida quotidiana das populações. Fingir o contrário seria propaganda barata, daquelas que costumam aparecer vestidas de PowerPoint, com logótipos verdes e música de fundo sobre sustentabilidade.

As populações têm o direito de exigir estudos sérios, informação transparente, fiscalização independente, protecção ambiental rigorosa, compensações locais reais e garantias de recuperação dos territórios depois da exploração. Têm o direito de desconfiar, porque demasiadas vezes o interior português foi usado como território de promessas, buracos, obras mal feitas e fotografias oficiais.

Mas uma coisa é exigir rigor. Outra é rejeitar tudo por princípio, por medo, por tradição, por reflexo tribal ou por uma cultura de imobilidade que prefere a pobreza conhecida ao risco de uma transformação controlada.

O ambiente deve ser protegido. Mas a protecção ambiental não pode transformar-se numa teologia do “não se

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O lítio e a hipocrisia da transição energética

A Europa quer baterias, carros eléctricos, redes eléctricas modernas, armazenamento de energia, defesa tecnológica, indústria limpa e autonomia face à China, aos Estados Unidos e a outros blocos estratégicos. Para isso precisa de matérias-primas críticas, entre elas o lítio. A pergunta incómoda é simples: queremos usar esses materiais, mas não queremos que sejam extraídos em lado nenhum?

Queremos telemóveis, computadores, veículos eléctricos, painéis solares, baterias, centros de dados, inteligência artificial, drones, satélites e redes modernas. Mas quando chega a hora de falar das minas, do processamento, da indústria e dos impactos materiais da tecnologia, muitos descobrem subitamente uma vocação franciscana pela paisagem intocada. Curiosamente, quase sempre com o smartphone na mão.

A transição energética não é feita de poesia verde. É feita de cobre, lítio, níquel, cobalto, terras raras, silício, aço, cimento, energia, indústria, logística e decisões difíceis. Quem diz querer uma economia descarbonizada tem de enfrentar a materialidade dessa transformação. O futuro

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

industrial. Esse é o teatro infantil da política emocional. O debate sério é entre modelos: extrair mal ou extrair com rigor; exportar minério bruto ou criar cadeia de valor; deixar apenas pó e crateras ou criar emprego qualificado, investigação, processamento, reciclagem e indústria nacional.

Portugal não pode ser apenas uma pedreira da Europa

O perigo real não está apenas na oposição local. Está também na possibilidade de Portugal repetir o velho modelo de país periférico: extrai matéria-prima, exporta valor bruto, fica com impactos ambientais, recebe umas migalhas fiscais, inaugura uma placa e chama a isso desenvolvimento. Uma tradição nacional: vender a substância, comprar a ilusão.

Se Portugal explorar lítio, deve fazê-lo com uma estratégia de soberania económica. Não basta abrir buracos e carregar camiões. É necessário ligar a extracção à transformação industrial, à produção de componentes, à reciclagem de baterias, à engenharia, à investigação aplicada, à formação técnica, à criação de empresas tecnológicas e à retenção de valor no território.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O interior português não precisa de ser sacrificado. Mas também não pode ser embalsamado. Precisa de actividade económica real, trabalho, tecnologia, serviços, indústria compatível, agricultura modernizada, turismo qualificado, energia, conectividade e gente jovem com razões para ficar. O que não pode é continuar a viver entre o subsídio, a saudade, a fotografia de postal e a promessa vaga de que “um dia isto melhora”.

Direitos sem deveres: a infância política de um país

A cultura dos direitos é uma conquista civilizacional. Mas quando é separada da responsabilidade, transforma-se em infantilização colectiva. O cidadão deixa de ser participante e passa a ser apenas reclamante. O Estado deixa de ser instrumento da comunidade e passa a ser pai universal. A economia deixa de ser criação de valor e passa a ser máquina misteriosa de onde devem sair salários, subsídios, pensões e serviços.

Só que essa máquina não existe. A riqueza tem de ser criada. A produtividade tem de ser construída. O conhecimento tem de ser aplicado. O trabalho tem de ser valorizado. A inovação tem de ser arriscada. A mudança tem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal sofre de uma doença antiga: demasiada gente espera que o país mude sem mudar a sua própria relação com o trabalho, o risco e o conhecimento. Quer-se mais rendimento, mas não se quer mais exigência. Quer-se emprego, mas não se quer adaptação. Quer-se desenvolvimento, mas não se quer indústria. Quer-se interior vivo, mas não se quer actividade económica que perturbe a paisagem da resignação.

Não se constrói uma nação moderna com medo de tudo. Não se constrói prosperidade dizendo sempre que não. Não se constrói futuro recusando aprender, empreender, trabalhar de forma diferente, mudar de profissão, adquirir novas competências ou participar activamente na criação de riqueza.

O Estado também falhou a sua parte

Mas seria injusto colocar toda a responsabilidade nas populações. O Estado português tem feito muito para merecer a desconfiança dos cidadãos. Processos opacos, decisões mal explicadas, burocracia arrogante, promessas não cumpridas, captura partidária, contratos pouco transparentes e uma capacidade quase artística para transformar qualquer projecto estratégico num pântano jurídico e comunicacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

aparece para licenciar mas desaparece quando é preciso fiscalizar.

Por isso, a responsabilidade tem de ser dupla. As comunidades devem abandonar a recusa automática e exigir inteligência, não imobilidade. O Estado deve abandonar a arrogância tecnocrática e garantir transparência, participação pública séria, contratos claros, benefícios locais mensuráveis e fiscalização independente.

E as empresas devem perceber que licença legal não basta. É preciso licença social. É preciso provar que não estão ali apenas para extrair, lucrar e partir. É preciso deixar valor, emprego, formação, recuperação ambiental e confiança.

A economia de quase subsistência

Portugal continua preso a uma economia de quase subsistência em vastas zonas do território. Baixos salários, baixa produtividade, pouca indústria, empresas frágeis, interior envelhecido, jovens a sair, dependência do Estado, serviços públicos em retracção e uma paisagem humana marcada pela resignação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

existem? Quem fiscaliza? Que compensações recebe o território? Que plano existe para depois da exploração? Que cadeia industrial se constrói a partir daí?

Em vez disso, temos muitas vezes o costume nacional: uns gritam “desenvolvimento” como se qualquer investimento fosse automaticamente virtuoso; outros gritam “destruição” como se qualquer actividade produtiva fosse crime contra a pureza original da terra. Entre ambos, a inteligência fica soterrada, sem necessidade de mina.

O país precisa de sair desta adolescência pública. Nem todo o investimento é bom. Nem toda a oposição é virtuosa. Nem toda a mina é progresso. Nem toda a paisagem parada é sustentabilidade. Nem todo o subsídio é solidariedade. Nem todo o direito existe sem dever correspondente.

A responsabilidade criadora

O que falta a Portugal é uma cultura de responsabilidade criadora. Uma cultura que diga aos cidadãos: têm direitos, sim, mas também têm deveres perante a comunidade, o trabalho, o conhecimento, a mudança e o futuro. Uma cultura que diga ao Estado: deve proteger, sim, mas também deve deixar criar, simplificar, fiscalizar com rigor e prestar contas. Uma cultura que diga às empresas: podem lucrar,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

subsidiada. É a ideia de que uma sociedade adulta não espera apenas que o Estado distribua. Aprende, trabalha, arrisca, adapta-se, empreende, fiscaliza, participa e constrói.

O interior português não precisa de piedade. Precisa de oportunidades. Mas oportunidades exigem escolhas. E escolhas exigem coragem. Nem todas serão fáceis. Algumas terão custos. Outras serão recusáveis. Mas a pior escolha é a não escolha permanente, esse vício português de adiar o futuro até ele emigrar.

Conclusão: o país que tem de crescer

O caso do lítio, seja no Barroso, em Montalegre ou nas áreas sensíveis associadas ao imaginário da Peneda-Gerês e de Lindoso, revela uma questão muito maior do que uma mina. Revela a dificuldade portuguesa em discutir desenvolvimento com maturidade.

Portugal não pode destruir património natural em nome de uma qualquer febre extractiva. Mas também não pode transformar cada território em santuário imóvel, cada projecto em ameaça absoluta, cada mudança em agressão e cada oportunidade em suspeita automática.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estado social, mas também de economia produtiva. Precisa de tradição, mas também de indústria. Precisa de memória, mas também de futuro.

Porque uma nação que só exige direitos e recusa responsabilidades acaba por viver de expectativas alheias. E uma nação que vive de expectativas alheias não se desenvolve: administra a sua dependência com ar solene, enquanto os seus melhores filhos procuram noutra lugar aquilo que o país não teve coragem de construir.

Portugal precisa de deixar de perguntar apenas “a que temos direito?” e começar a perguntar, com igual seriedade: “que estamos dispostos a fazer, aprender, arriscar e construir para merecer o futuro que reclamamos?”

REFERÊNCIAS

- Câmara Municipal de Ponte da Barca, **Porta de Lindoso — Parque Nacional da Peneda-Gerês.**
- Representação da Comissão Europeia em Portugal, **Quatro projectos portugueses entre os seleccionados pela Comissão Europeia para matérias-primas estratégicas.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- RIF, Exploração de lítio: projectos cnumbados com luz verde da UE.
- Assembleia da República, Projecto de Resolução n.º 279/XVI/1.^a sobre as concessões de lítio no Barroso e Montalegre.

Fragmentos do Caos


Texto de **Francisco Gonçalves**


Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

Uma reflexão sobre direitos, responsabilidades, lítio, interior, ambiente e a dificuldade portuguesa de transformar medo em futuro.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)